

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

Coro Ricercare

Pedro Neves direcção musical
Stefan Blunier direcção musical

23 Abr 2022 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA & REVOLUÇÃO

ANO DO AMOR

IN MEMORIAM SIR HARRISON BIRTWISTLE (1934-2022)



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Entrevistas sobre o ciclo Música & Revolução.
[VIMEO.COM/SHOWCASE/9421181](https://vimeo.com/showcase/9421181)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Remix Ensemble Casa da Música

Pedro Neves direcção musical

Tiago Matos barítono

Giacinto Scelsi

Okanagon, para harpa, contrabaixo e tam-tam (1968; c.10min)

George Crumb

Songs, Drones and Refrains of Death, para barítono e ensemble (1968; c.30min)*

- Refrain One —
- I. La Guitarra —
- Refrain Two —
- II. Casida de las Palomas Oscuras
- Refrain Three —
- III. Canción de Jinete, 1860 —
- Refrain Four —
- IV. Casida del Herido por el Agua

PAUSA TÉCNICA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Coro Ricercare

Stefan Blunier direcção musical

Ana Maria Ribeiro flauta

Luís Silva clarinete

Gavin Hill fagote

Nuno Vaz trompa

Luís Duarte piano

Harrison Birtwistle

Nomos, para quatro solistas e orquestra (1968; c.15min)

Arvo Pärt

Credo, para piano, coro misto e orquestra (1968; c.12min)*

*Textos originais e traduções nas páginas 6 a 8.

Sons de '68: Eclectismo vanguardista em tempos de mudança

O presente concerto reúne obras concluídas pelos compositores em 1968. Integrando abordagens contrastantes, espelha a variedade criativa dos anos que antecederam o Maio de 68. De compositores emergentes na época a veteranos das vanguardas, mostra caminhos percorridos por artistas de países e estéticas distintas.

Os anos 60 constituíram um período de grande transformação social que se repercutiu na música. A emergência de diversos estilos de rock 'n' roll e de soul music disseminados através da rádio e de fonogramas coexistiu com um culto da experimentação artística. Na música erudita ocidental, a dominância de modelos seriais e pós-seriais associados aos Cursos de Verão de Darmstadt, de abordagens indeterministas personificadas por John Cage e Morton Feldman e de experimentação através de meios electrónicos foi enriquecida com nova música. Se o Maio de 68 questionou a ortodoxia das instituições sociais, a nova música rebelou-se contra o que, paradoxalmente, pode ser considerado uma ortodoxia nas vanguardas.

Giacinto Scelsi

LA SPEZIA, 8 DE JANEIRO DE 1905

ROMA, 9 DE AGOSTO DE 1988

Okanagon

para harpa, contrabaixo e tam-tam

Giacinto Scelsi é um nome incontornável do Modernismo italiano. Fascinado pela espiritualidade, pela filosofia e pelo misticismo asiáticos, trocou uma abordagem centrada no dodecafonismo serial pela valorização da ressonância e do timbre. Dessa forma, antecipou tendências associadas à segunda metade do século XX. Centrando a sua abordagem nas vibrações, tornou a matéria-prima do som o veículo primordial das suas obras. Estreada em Boston a 31 de Março de 1974, com interpretação do Collage New Music Ensemble, *Okanagon* é uma exploração do espectro sonoro. Recorrendo a harpa e contrabaixo amplificados e a tam-tam, centra-se na criação e na amplificação de ressonâncias. Assim, o ouvinte segue a transformação do próprio som através dos efeitos prescritos por Scelsi. Os gestos iniciais da obra estabelecem o núcleo sonoro em torno do qual esta se desenrola. A valorização das cordas soltas na harpa e no contrabaixo apresentam a base e a riqueza do espectro sonoro, que será manipulado pelos músicos. A valorização de sons metálicos na harpa, aproveitando ataques menos usuais e ressaltos do plectro nas cordas, é reforçada pela omnipresença do tam-tam, cujas vibrações regulares amplificam e intensificam as flutuações resultantes da interacção dos restantes intervenientes. O recurso a quartos de tom reforça e amortece as ondas sonoras das notas principais, promovendo a exploração tímbrica do espectro sonoro. Na primeira secção, a repetição de elementos é variada através da valorização

de determinadas frequências. Assim, funciona como aproximação e afastamento ao som primordial. A secção intermédia é marcada pelo contraste polirrítmico criado pela percussão no tampo da harpa e do contrabaixo. As pontuações do tam-tam reforçam esse momento quase ritualístico e cinético que, rapidamente, se dissolve, levando *Okanagon* ao término com a recuperação da atmosfera inicial.

George Crumb

CHARLESTON, 24 DE OUTUBRO DE 1929

MEDIA (PENSILVÂNIA), 6 DE FEVEREIRO DE 2022

Songs, Drones and Refrains of Death

para barítono e ensemble

As vanguardas norte-americanas contribuíram para a reconfiguração do panorama artístico do final dos anos 60. A contracultura, os protestos contra a Guerra do Vietname e o movimento dos Direitos Civis marcaram o período. Nessa época, George Crumb leccionava na Universidade da Pensilvânia, palco de algumas manifestações importantes. Após estudar nos Estados Unidos e na Alemanha, Crumb afirmou-se como um experimentalista que inovou a forma de notar música e alargou as possibilidades do uso dos instrumentos e da voz. Composta entre 1962 e 1968, *Songs, Drones and Refrains of Death*, para cordofones eléctricos e amplificadas e percussão, é um exemplo dessa abordagem. A poesia de Federico García Lorca é o centro desta obra de Crumb, que intercala quatro textos do modernista andaluz com passagens instrumentais que o compositor designa por “refrão”. Assim, apresenta uma narrativa híbrida em que explora novos sons numa mistura única.

Lorca e Manuel de Falla tentaram reformar a música andaluza, afastando-a da miscigenação associada ao folclorismo e ao entretenimento urbano. Assim, o *cante jondo*, que estes promoveram e contribuíram para reinventar, é apresentado como uma purificação do flamenco.

Os percussionistas têm ao seu dispor uma grande quantidade de instrumentos, nesta obra, e os restantes participantes apresentam técnicas inovadoras à época. “Refrain One” enfatiza a percussividade, misturando pontuações rítmicas com vocalizações dos instrumentistas. O espectro ressoante dá o mote para “La Guitarra”, momento baseado no poema homónimo escrito entre 1921 e 1924. Nele, notas pedal prolongadas sustentam figurações da guitarra cujo rasgueados e *tremolos* evocam o universo do *cante jondo*, contrastando-o com fragmentos angulares. O poema refere o choro omnipresente da guitarra que viaja pelas paisagens espanholas. O cantor emprega um registo quase declamatório que se sobrepõe às pontuações do agrupamento. Após um curto interlúdio instrumental, o solista apresenta melodias sinuosas e modais que evocam o património andaluz.

A circularidade de curtos motivos caracteriza “Refrain Two”, levando a “Casida de las Palomas Oscuras”. A *casida* é um género poético árabe transportado pelos mouros para a Península Ibérica. Cultivado por islâmicos e cristãos, foi homenageado por Lorca. Escrito possivelmente entre 1931 e 1934, o poema aborda a ilusão e a morte. Numa abordagem pontilhista e esparsa, o solista alterna com as vocalizações do agrupamento.

A intensidade regressa em “Refrain Three”, que explora as oscilações dinâmicas resultantes da interacção das ondas sonoras num cenário percussivo e enérgico. “Canción del Jinete (1860)” retrata o galope de um cavalo

que transporta um cavaleiro morto. Escrito entre 1921 e 1924, é um momento de grande intensidade e angularidade, em que o cantor oscila entre a declamação e a imitação do relinchar do cavalo, mostrando o contínuo da voz humana. Os *ostinati* reforçam a noção de movimento, levando a uma transição que explora a ressonância e o sopra.

“Casida del Herido por el Agua” consta do *Divan del Tamarit*, uma publicação póstuma de homenagem aos poetas do Reino de Granada. O imaginário mouro emerge neste poema que se foca na contemplação. O recurso a timbres brilhantes e cristalinos remete para o universo da água, em que a regularidade suporta a oscilação da voz solista em torno do eixo sonoro da peça. Um sussurro conclui uma obra que se dissolve numa textura esparsa, quase *a cappella*.

Harrison Birtwistle

ACCRINGTON, 15 DE JULHO DE 1934

MERE (WILTSHIRE), 18 DE ABRIL DE 2022

Nomos

para quatro solistas e orquestra

Nomos remete para o conceito de lei na Grécia Antiga. Harrison Birtwistle inspirou-se na Antiguidade Clássica na composição de muitas obras, em que a teatralidade atravessa diversas artes. Escrita durante uma estadia nos Estados Unidos da América, para aperfeiçoamento artístico na Universidade de Princeton, condensa elementos centrais na obra do compositor.

Em *Nomos*, um quarteto de aerofones amplificados (flauta, clarinete, trompa e fagote) estabelece os materiais a partir dos quais o colectivo orquestral desenvolve o seu papel. O material gerador assenta em melodias angulares apresentadas pelo quarteto, que revolvem em torno de curtos fragmentos. À medida que os motivos se distendem pelo espectro sonoro, a orquestra sublinha e enriquece timbricamente o ambiente. O contraponto e a sobreposição de notas acumulam tensão, conduzindo a uma passagem estática. Nela, os solos dos instrumentos destacam-se pela individualidade do seu timbre. O episódio é interrompido por um *tutti* percussivo e caótico, numa espécie de suspensão temporária da lei grega. A adição de camadas marca uma interacção enérgica e quase violenta de blocos sonoros que se definem pelo timbre. Uma nota sustentada pelo clarinete em *crescendo* prepara o final da obra. O quarteto solista apresenta notas isoladas, reforçado pela orquestra e pela percussão. Secções verticais e dissonantes exploram a angularidade dos gestos e elaboram o material original, enfatizando-o através da repetição. Um longo e gradual *decrescendo* torna a textura

mais rarefeita até à repetição dos agregados sonoros finais.

Uma obra de grande intensidade, estreada no Royal Albert Hall pela Orquestra Sinfónica da BBC, dirigida por Colin Davis, a 23 de Agosto de 1968.

Arvo Pärt

PAIDE (ESTÓNIA), 11 DE SETEMBRO DE 1935

Credo

para piano, coro misto e orquestra

Arvo Pärt é uma referência da composição da segunda metade do século XX. A sua abordagem mística, combinando sonoridades familiares com elementos vanguardistas, tornou-o um dos compositores mais interpretados da actualidade. *Credo* é uma obra de viragem, marcando a aproximação do compositor a uma estética sacra com fortes ligações à música religiosa ortodoxa.

Nascido na Estónia, Pärt estudou em Tallinn e foi um dos pioneiros do dodecafonismo serial na União Soviética. O culto de modelos ocidentalizantes e abstractos foi criticado pelas instituições desse território, que constringiram a actividade de compositores e intérpretes. Uma geração de músicos influenciados pelas estéticas centro-europeias, associadas ao serialismo integral e aos primeiros passos da música electroacústica, criou espaço para a divulgação das suas obras. Participante activo nesse processo, Pärt transformou a sua abordagem no final da década de 60.

O escândalo marcou a apresentação da primeira obra sacra de Pärt num contexto autoritário. A estreia deu-se em Tallinn, a 16 de Novembro de 1968, com interpretação da Orquestra Sinfónica e do Coro Misto da Rádio

e Televisão Estónia e do pianista Mart Lille, dirigidos por Neeme Järvi. O texto baseia-se no *Credo*, oração do Ordinário da Missa, e nos versículos 38 e 39 do capítulo 5 do Evangelho segundo São Mateus. Pärt traduz essa mistura numa obra que resulta do encontro e da colagem de duas linguagens, intercalando passagens do Prelúdio em Dó maior do primeiro caderno de *O Cravo Bem-Temperado*, de Johann Sebastian Bach, com momentos vanguardistas. O compositor cria um ambiente estático e propício ao misticismo, marcado pela verticalidade da escrita coral, muitas vezes dissonante, e pela regularidade rítmica dos fragmentos de Bach. O aproveitamento da ressonância das notas prolongadas das cordas graves alimenta uma atmosfera de grandiosidade. A apresentação de agregados sonoros sem aparente relação, a valorização de timbres e registos distintos, o recurso a surdinhas e a oposição entre naipes marcam uma obra fragmentária que ilustra a multiplicidade de registos abarcada por Pärt. Da verticalidade percussiva ao virtuosismo pianístico, a narrativa musical é frequentemente entrecortada pela sucessão e sobreposição de estéticas dispares. Contrastes dinâmicos súbitos e passagens orquestrais caóticas, reforçadas pelo coro, coabitam numa obra que reflecte o experimentalismo muito particular do compositor no final da década de 60.

Quatro grandes obras da colheita de 68.

JOÃO SILVA, 2022

George Crumb

Songs, Drones and Refrains of Death

sobre poemas de Federico García Lorca
(1898-1936)

I. La Guitarra

*Empieza el llanto
de la guitarra.*

*Se rompen las copas
de la madrugada.*

*Empieza el llanto
de la guitarra.*

Es inútil callarla.

*Es imposible
callarla.*

*Llora monótona
como llora el agua,
como llora el viento
sobre la nevada.*

*Es imposible
callarla.*

*Llora por cosas
lejanas.*

*Arena del Sur caliente
que pide camelias blancas.*

*Llora flecha sin blanco,
la tarde sin mañana,
y el primer pájaro muerto
sobre la rama.*

¡Oh, guitarra!

*Corazón malherido
por cinco espadas.*

A Guitarra

*Começa o choro
da guitarra.*

*Quebram-se os copos
da madrugada.*

*Começa o choro
da guitarra.*

É inútil calá-la.

*E impossível
calá-la.*

*Chora monótona
como chora a água,
como chora o vento
sobre a nevada.*

*É impossível
calá-la.*

*Chora por coisas
longínquas.*

*Areia quente do Sul
pedindo camélias brancas.*

*Chora como flecha sem alvo,
como tarde sem manhã,
como o primeiro pássaro morto
nas ramadas.*

Oh, guitarra!

*Coração malherido
por cinco espadas.*

II. Casida de las Palomas Oscuras

*Por las ramas del laurel
vi dos palomas oscuras.
La una era el sol,
la otra la luna.
Vecinitas, les dije:
¿Dónde está mi sepultura?
En mi cola, dijo el sol.
En mi garganta, dijo la luna.
Y yo que estaba caminando
con la tierra a la cintura
vi dos águilas de mármol
y una muchacha desnuda.
La una era la otra
y la muchacha era ninguna.
Aguilitas, les dije:
¿Dónde está mi sepultura?
En mi cola, dijo el sol,
en mi garganta, dijo la luna.
Por las ramas del laurel
vi dos palomas desnudas.
La una era la otra
y las dos eran ninguna.*

Casida das Pombas Obscuras

*Pelos ramos do loureiro
vi duas pombas obscuras.
Uma delas era o sol e
a outra era a lua.
Vizinhos, disse eu:
Onde está a minha sepultura?
«Na minha cauda», disse o sol.
«Na minha garganta», disse a lua.
E eu que estava a caminhar
com terra pela cintura,
vi duas águias de mármore
e uma moça nua.
Uma delas era a outra
e a moça era nenhuma.
Aguiazinhas, disse-lhes:
Onde está a minha sepultura?
«Na minha cauda», disse o sol.
«Na minha garganta», disse a lua.
Pelos ramos do loureiro
vi duas pombas nuas.
Uma delas era a outra
e as duas eram nenhuma.*

III. Canción de Jinete, 1860

*En la luna negra
de los bandoleros,
cantan las espuelas.
Caballito negro.
¿Dónde llevas tu jinete muerto?
...Las duras espuelas
del bandido inmóvil
que perdió las riendas.
Caballito frío.
¡Qué perfume de flor de cuchillo!
En la luna negra,
sangraba el costado
de Sierra Morena.
Caballito negro.
¿Dónde llevas tu jinete muerto?
La noche esporea
sus negros ijares
clavándose estrellas.
Caballito frío.
¡Qué perfume de flor de cuchillo!
En la luna negra,
¡un grito! y el cuerno
largo de la hoguera.
Caballito negro.
¿Dónde llevas tu jinete muerto?*

Canção do Cavaleiro, 1860

*Na lua negra
dos bandoleiros,
cantam as esporas.
Cavalinho negro.
Aonde levas o teu ginete morto?
...As duras esporas
do bandido imóvel
que perdeu as rédeas.
Cavalinho frio.
Que perfume de flor de faca!
Na lua negra,
sangrava o costado
de Serra Morena.
Cavalinho negro.
Aonde levas o teu ginete morto?
A noite esporea
suas negras ilhargas
cravando-se estrelas.
Cavalinho frio.
Que perfume de flor de faca!
Na lua negra,
um grito! e o chifre
comprido da fogueira.
Cavalinho negro.
Aonde levas o teu ginete morto?*

IV. Casida del Herido por el Agua

*Quiero bajar al pozo,
quiero subir los muros de Granada,
para mirar el corazón pasado
por el punzón oscuro de las aguas.
El niño herido gemía
con una corona de escarcha.
Estanques, aljibes y fuentes
levantaban al aire sus espadas.
¡Ay, qué furia de amor, qué hiriente filo,
qué nocturno rumor, qué muerte blanca!
¡Qué desiertos de luz iban hundiendo
los arenales de la madrugada!
El niño estaba solo
con la ciudad dormida en la garganta.
Un surtidor que viene de los sueños
lo defiende del hambre de las algas.
El niño y su agonía, frente a frente,
eran dos verdes lluvias enlazadas.
El niño se tendía por la tierra
y su agonía se curvaba.
Quiero bajar al pozo,
quiero morir mi muerte a bocanadas,
quiero llenar mi corazón de musgo,
para ver al herido por el agua.*

Arvo Pärt

Credo

(Mateus 5, 38-39)

*Credo in Jesum Christum
Auidivistis dictum
Oculum pro oculo dentem pro dente,
Autem ego vobis dico:
Non esse resistendum injuriae.*

Casida do Ferido pela Água

Quero descer ao poço,
quero subir os muros de Granada,
para olhar o coração trespassado
pelo aguilhão escuro das águas.
O menino ferido gemia
com uma coroa de orvalho.
Tanques, cisternas e fontes
levantavam no ar as suas espadas.
Ai, que fúria de amor, que lancinante fio,
que nocturno rumor, que morte branca!
Que desertos de luz iam afundando
os areais da madrugada!
O menino estava só
com a cidade adormecida na garganta.
Um repuxo que vem dos sonhos
defende-o da fome das algas.
O menino e a sua agonía, frente a frente,
eram duas verdes chuvas enlaçadas.
O menino estendia-se na terra
e a sua agonía curvava.
Quero descer ao poço,
quero morrer a minha morte às golfadas,
quero encher o coração de musgo,
para ver o ferido pela água.

Creio em Jesus Cristo
Ouviste o que foi dito
Olho por olho e dente por dente,
Eu porém vos digo:
Não oponhais resistência ao mau.

Traduções: Nelly Silva (espanhol)
e versão portuguesa da Bíblia (latim).

Pedro Neves direcção musical

Pedro Neves é actualmente director artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e maestro associado da Orquestra Gulbenkian (2013-2018). É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmónica das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, as Orquestras Sinfónicas do Estado de São Paulo e de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'Ar-te Electric Ensemble (com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros e digressões pela Coreia do Sul e pelo Japão), com o Remix Ensemble Casa da Música, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Síntese Grupo de Música Contemporânea.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas, e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Orquestra Filarmónica 12 de Abril (Travassô, Águeda). Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz

respeito à direcção de orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, completando a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. Recentemente, concluiu o doutoramento em interpretação na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo o *Concerto*, a *Sinfonietta* e o *Diver-timento II* para orquestra de cordas do compositor Joly Braga Santos.

O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, pela coerência e pela seriedade da interpretação musical.

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Para além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2021/22 leva-o a dirigir a Orquestra da Suíça Romanda, a Sinfónica de Berna, a Orquestra Estatal de Darmstadt, a Sinfónica da Ópera de Toulon e a Sinfónica de Singapura. Regressa à Deutsche Oper am Rhein com *Macbeth* de Verdi.

Depois da bem-sucedida nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou recentemente com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Tiago Matos barítono

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, Stefan Blunier tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Dono de uma “desenvoltura cénica e vocal” e de uma “voz maleável e bem posicionada”, Tiago Matos afirma-se como um “sólido barítono”, diz a crítica. Chegou à Ópera Nacional de Paris em 2012, pelo Atelier Lyrique, onde protagonizou *Don Giovanni* de Mozart. A estreia no elenco principal aconteceu dois anos depois com Fiorello, em *Il Barbiere di Siviglia* de Rossini. Seguiram-se Un Chevalier (*Le Roi Arthus* de Chausson) e Il Marchese d'Obigny (*La Traviata*). Também em Verdi, foi Un Députée Flamand (*Don Carlos*), além de Il Conte di Ceperano em *Rigoletto*. A interpretação mais recente com a Académie da Ópera Nacional de Paris — Frank em *Die Fiedermaus* (J. Strauss) — valeu-lhe os maiores elogios. Entre outras interpretações, destaque para Le Dancaire e Moralès (*Carmen* de Bizet), Mercutio (*Roméo et Juliette* de Gounod), L'Horloge Comtoise e Le Chat (*L'Enfant et les Sortilèges* de Ravel) e, novamente, o papel principal em *Don Giovanni* no Teatro Estatal de Praga. Actuou em concerto com a Orquestra Gulbenkian — “Composing for Voices with Luis Tinoco” — e foi solista em obras como *Lieder eines fahrenden Gesellen* (Mahler), 9.ª Sinfonia (Beethoven) e *Requiem* (Fauré e Mozart).

Tiago Matos foi vencedor do VI Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa. Licenciado em Música pela Universidade de Aveiro, alguns dos seus principais professores foram Isabel Alcobia e António Chagas Rosa, além de Sherrill Milnes e Maria Zouves (com quem se cruzou na VOICE Experience Foundation, nos Estados Unidos). Actualmente aperfeiçoa-se com Michelle Wegwart.

Juntamente com Paulo Lapa, fundou a Plateia Protagonista, uma associação cultural e educacional centrada na promoção da ópera e da música clássica que, entre outros projectos,

Ana Maria Ribeiro flauta

criou o “Ópera Connosco Marvila!”, destinado a jovens de bairros desfavorecidos de Lisboa. Este projecto foi então agraciado com o Alto Patrocínio da Presidência da República.

Muito recentemente, Tiago Matos foi Guglielmo na ópera *Così fan tutte* de Mozart, no Coliseu do Porto, e sargento Belcore em *L'elisir d'amore* de Donizetti. Participou ainda na estreia mundial de *Mátria* (Fernando Lapa e Eduarda Freitas), sendo Ti Raul e Padre Gusmão, e foi solista num concerto em torno de Bach e Händel, com a Orquestra Barroca Casa da Música dirigida por Laurence Cummings. Estará presente em mais uma edição de “Composing for Voices with Kaija Saariaho”, com a Orquestra Gulbenkian e a comunidade ENOA, e regressará ao Coliseu do Porto, com a Orquestra Filarmonia das Beiras dirigida por Rita Castro Blanco, para apresentar *El Retablo del Maese Pedro* (Falla), onde veste a pele de Don Quichotte.

Ana Maria Ribeiro é flauta solo da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Orquestra Filarmónica Portuguesa e professora no Conservatório de Música de Aveiro. Concluiu os estudos na Academia de Música da Basileia, na classe de Felix Renggli. É natural de Santa Maria da Feira, tendo aí frequentado a Academia de Música. Estudou posteriormente na Escola Superior de Música do Porto, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Apresenta-se regularmente a solo com orquestras e outras formações em Portugal e no estrangeiro. Tem orientado inúmeras masterclasses e os naipes de flautas em estágios de diversas orquestras. É detentora de vários prémios em concursos para flauta. Algumas peças foram-lhe dedicadas, entre elas o *Concerto para flauta, marimba e sopros* de Teodoro Aparicio Barberan, que interpretou em estreia mundial no Palau de la Musica em Valência. Tem-se apresentado em festivais como: Festival Internacional Luso-Brasileiro, no Porto; Convention de Sevilha — AFE; XII Festival Internacional de Flautistas — ABRAF, em Belém (Brasil); Hands on Flute — Aveiro, no qual fez parte da organização; e XXXI Festival Internacional de Música do Pará (Brasil).

Integra frequentemente júris em concursos nacionais e internacionais. Destaca-se a participação como elemento do júri no III Concours Maxence Larrieux, em Nice, tendo aí orientado uma masterclass e participado no concerto de gala. Colaborou com a Orquestra Nacional de França e com o ensemble Les Dissonances. Foi professora convidada de L'Académie de flute de Cannes, em França.

Gravou o seu primeiro CD a solo com a pianista Isolda Crespi Rubio: *The delirium of my desire*, para a Artway Records.

Luís Silva clarinete

Natural de Tomar, Luís Silva estudou no Conservatório de Lisboa com Marcos Romão e António Saiote. Foi o primeiro clarinetista português a obter o grau de bacharel em clarinete, na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2006, concluiu o doutoramento na Universidade de Sheffield, em Inglaterra.

Na sua actividade de clarinetista, integrou a Orquestra Portuguesa da Juventude como solista e foi seleccionado para a Orchestre Mondial des Jeunesses Musicales. Foi primeiro clarinete na Orchestre des Jeunes de la Méditerranée, onde actuou sob a direcção de Michel Tabachnik e Arturo Tamayo, em países como França, Itália, Jugoslávia, Grécia e Turquia.

Ganhou o 1.º prémio no Concurso da Juventude Musical Portuguesa (na classe superior de clarinete e na classe de música de câmara) e no I Concurso de Clarinete de Setúbal.

Colaborou com a Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos e foi solista nas orquestras Nova Filarmonia Portuguesa, Régie Sinfonia, Orquestra Clássica do Porto, Orquestra Clássica da Madeira e Sinfónica do Porto Casa da Música, com as quais se apresentou a solo e em formações de música de câmara.

Foi fundador do Ensemble Português de Clarinetes e membro dos Solistas do Porto. Foi professor nos Conservatórios Regionais de Música de Coimbra, Figueira da Foz, Castelo Branco, Évora e Viseu, na Escola Profissional de Música ARTAVE, na Escola Profissional de Música do Porto, na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto e no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Actualmente é Chefe de Naipe na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Gavin Hill fagote

Gavin Hill nasceu em 1965, numa família de músicos profissionais de Macclesfield. Começou a estudar fagote após encontrar um guardado num armário, quando tinha 11 anos. Aperfeiçoou os estudos na Royal Scottish Academy of Music and Drama com Edgar Williams, particularmente com Charles Cracknell, e finalmente com Claus Boden na Staatliche Hochschule für Musik de Colónia. Teve o seu primeiro emprego na Orchestre Symphonique d'Europe em Paris, apresentando-se em concertos, óperas, ballets, filmes, televisão e gravações. Após a inevitável falência económica desta orquestra, foi *freelancer* um pouco por toda a Europa. Em 1994 estabeleceu-se no Porto, ocupando o lugar de fagotista principal na Orquestra Clássica do Porto, hoje a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Gavin Hill tem-se apresentado regularmente ao público portuense integrado em projectos de música da câmara, interpretando vários compositores menos valorizados. Tem como grandes paixões a sua colecção de discos de vinil — com foco no jazz — e a literatura. O seu primeiro romance *Quentin Goddard — A Faust Symphony* estará brevemente disponível na Amazon. É co-apresentador do podcast *Gas Giants*, que analisa diferentes artefactos culturais e está disponível em plataformas como Substack, Spotify, Applepodcasts, Pocketcasts, etc. Toca num fagote Heckel (n.º 10189).

Nuno Vaz trompa

Nuno Vaz foi Solista A e Chefe de Naípe da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e é membro do Remix Ensemble Casa da Música. Como artista convidado, tem-se apresentado com a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Sinfónica MusicAeterna de Perm (Rússia), a Filarmónica de Hamburgo, a Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Clássica do Sul, em vários países. Gravou para a RTP, a RDP, a RV e a Antena 3, e com as Orquestras Metropolitana de Lisboa, Sinfónica do Porto Casa da Música e Sinfonietta de Lisboa, e também com Da Weasel, Rui Veloso, Tito Paris, Kátia Guerreiro, Ala dos Namorados, The Gift e Let the Jam Roll. Apresentou-se a solo com a Banda Filarmónica Vizelense, a Orquestra de Sopros da Sociedade Filarmónica Vizelense, a Orquestra do Algarve, a Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Gulbenkian. É membro fundador do quarteto de trompas ART4ORN, do Quinteto de Sopros Espelho Musical, do Quinteto de Sopros 1/4 de Tom e do Ensemble Português de Trompas.

Ganhou o 1.º prémio na categoria de Trompa — Nível Superior do Prémio Jovens Músicos, em 2007.

Luís Duarte piano

Luís Duarte estudou com Fausto Neves, Luís Filipe Sá e Madalena Soveral, e na Academia Franz Liszt de Budapeste com László Baranyay e Rita Wagner. Frequentou masterclasses com Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Arbo Valdma, Josep Colom, Miguel Borges Coelho e Pedro Burmester, entre outros.

Tocou e gravou para a Antena 2, a Rádio Nacional Eslovena e a Classical Planet (Euroclassical). Em 2009, fez a primeira audição completa dos *5 Embalos* de Fernando Lopes-Graça, incluindo a estreia absoluta dos n.ºs 1, 2 e 3. Já em 2014, fez a estreia absoluta da *Sonata para dois pianos e percussão* de Pinho Vargas com o Drumming GP e Lígia Madeira — com quem mantém um duo de piano a quatro mãos desde 2008.

Apresentou-se em Portugal, Espanha, França, Hungria e Eslovénia, tendo sido ainda solista com a Orquestra da EPME e com a OSPCM sob a direção dos maestros Cesário Costa, Pawel Przytocky e Alessandro Crudele. Trabalhou com os encenadores António Capelo, António Durães e Nuno Carinhas, e com os solistas David Wilson-Johnson, Stephen Loges, Anke Vondung, Michaela Kaune e Karen Wierzba. Apresentou-se em recital com os tenores Ian Bostridge e Christoph Prégardien, bem como com o pianista Pedro Burmester.

Colabora regularmente com a Casa da Música, nomeadamente com a Orquestra Sinfónica, o Remix Ensemble e o Coro, tendo trabalhado com os maestros Heinz Holliger, Paul Hillier, Peter Eötvös, Emilio Pomarico e Peter Rundel. É professor de piano na EPME e pianista acompanhador na ESMAE.

Lançou, em 2021, o álbum *Portuguese Music for Piano Duo* sob o selo da holandesa Brilliant Classics.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e

Estrasburgo) com encenação de Nuno Carlinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carlinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2022 inicia-se com um programa partilhado com o Ensemble intercontemporain, que inclui a estreia mundial de uma encomenda a Hèctor Parra e é apresentado em concertos no Porto e na Philharmonie de Paris. Outras estreias a assinalar são as de obras encomendadas a Rebecca Saunders, Justé Janulyté e Erkki-Sven Tüür, incluindo concertos partilhados com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Jazz de Matosinhos.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Mais recentemente, dividiu com o Remix Ensemble a primeira audição mundial do *Requiem* de Francesco Filidei. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi e muitas outras.

A temporada de 2022 confirma a grande versatilidade do Coro Casa da Música, atravessando praticamente todos os períodos da história da música coral, desde Palestrina e Bach ao experimentalismo de Mauricio Kagel e Cornelius Cardew, incluindo obras-chave como as *Vésperas* de Rachmaninoff e Motetes de Bruckner, além de música contemporânea de compositores portugueses. Em parceria com as orquestras da Casa da Música, interpreta o *Requiem* de Verdi, a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, o *Credo* de Arvo Part e a *Missa Cellensis* de Haydn.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tense Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Coro Ricercare

Pedro Teixeira maestro titular

O Coro Ricercare é tudo o que a paixão pela música coral significa. O trabalho de expressão, fusão e qualidade vocal faz das suas actuações verdadeiros momentos marcantes. O grupo integra na sua formação jovens músicos de diversas proveniências curriculares: Escola de Música do Conservatório Nacional, Instituto Gregoriano de Lisboa, Escola Superior de Música de Lisboa, entre outras. A procura incessante de um resultado de excelência na música coral, que desde sempre pautou o seu trabalho, tem feito com que o Coro Ricercare se tenha vindo a destacar há vários anos como um coro de referência.

Desde a sua fundação, o Coro Ricercare dedica grande parte da sua actividade à interpretação de nova música portuguesa, tendo estreado mais de 50 obras de compositores nacionais desde a primeira edição do ciclo “Jovens Compositores Portugueses”, em 2006, junto com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa — o outro agrupamento da Ricercare.

O Coro Ricercare foi fundado pelos maestros Carlos Caires e Paulo Lourenço, e é dirigido desde 2001 por Pedro Teixeira.

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira
Ekaterina Györik-Valiulina*
Radu Ungureanu
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
José Despujols
Alan Guimarães
Andras Burai
Maria Kagan
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
Gabriela Peixoto*
Vadim Feldblioum
Catarina Resende*
Diogo Coelho*
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
José Pedro Rocha*
Mafalda Vilan*
Flávia Marques*
David Lopes Ascensão*

Viola

Lourenço Macedo Sampaio*
Anna Gonera
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Teresa Fleming*
Alexandre Aguiar*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
João Cunha
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Ana Sofia Leão*
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Alexander Auer
Ana Pinho*
Angelina Rodrigues
Ana Catarina Costa*

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia B. Florença*
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Ricardo Alves*
Edgar Silva*

Fagote

Gavin Hill
Maria Castro*
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Diogo Andrade*
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*
Tomás Rosa*

Harpa

Ilaria Vivan

Celesta

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

Remix Ensemble

Contrabaixo/Baixo eléctrico

António A. Aguiar

Percussão

Mário Teixeira

Manuel Campos

Piano/Cravo

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Guitarra eléctrica

Eurico Costa

Coro Casa da Música

Sopranos

Alexandra Moura

Ângela Alves

Carla Pais

Cristina Pamplona

Eva Braga Simões

Leonor Barbosa de Melo

Lúcia Ribeiro

Luísa Barriga

Rita Venda

Contraltos

Bernardete Felisberto

Brígida Silva

Eleriin Mūūripeal

Filipa Aires

Joana Guimarães

Keri Kallio

Maria João Gomes

Sara Cruz

Susana Milena

Tenores

André Lacerda

Gonçalo Limpo Faria

Mário Santos

Martti Anttila

Jukka Jokitalo

Paulo Lapa

Rui Aleixo

Vítor Sousa

Baixos

Francisco Reis

Nuno Mendes

Pedro Guedes Marques

Pedro Silva Marques

Ricardo Rebelo da Silva

Ricardo Torres

Sérgio Ramos

Tomé Azevedo

Maestro co-repetidor

Nils Schweckendiek

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

Coro Ricercare

Sopranos

Beatriz Chirife

Catarina Conceição

Francisca Ribeiro

Inês Santos

Isabel Cruz Fernandes

Raquel Pedra

Rita Carvão

Sara Maia

Sofia Portela

Contraltos

Ana Manta

Ana Proença

Filipa Augusto

Inês Silva

Laura Martins

Rita Meireles

Rosa Salomé

Tenores

Álvaro Márquez

Francisco Pinheiro

Gustavo Paixão

João Castelo Branco

Luís Beirão

Baixos

Alexandre Gomes

David Martinho

Henrique Coelho

João Libano Monteiro

Martim Libano Monteiro

Miguel La Feria

Maestro co-repetidor

Pedro Teixeira

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

